

*Transcendência do regional*¹

Grande sertão: veredas é uma das obras mais importantes da literatura brasileira – jato de força e beleza numa novelística algo perplexa como é atualmente a nossa. Não segue modelos, não tem precedentes; nem mesmo, talvez, nos livros anteriores do autor, que, embora de alta qualidade, não apresentam a sua característica fundamental: transcendência do regional (cuja riqueza peculiar se mantém todavia intacta) graças à incorporação em valores universais de humanidade e tensão criadora.

É uma história de jagunços do Norte de Minas na forma do monólogo ininterrupto, sem divisão ou capítulo, de um velho fazendeiro narrando como se tornou membro e afinal chefe de bando. As ações giram em torno da vingança contra companheiros felões que mataram à traição o grande chefe de todos; mas o miolo nutritivo é – não sei se diga a expressão ou a personalidade do narrador, a cujo amadurecimento presenciamos no correr do livro. São, em todo caso, a estupenda visão do mundo e a inquietude interior elaboradas ao longo do seu fluxo de eloquência e poesia.

Há no livro uma estratificação de interesses, combinados e organizados a cada passo pelo autor na trama expositiva – do pitoresco regional à preocupação moral e metafísica.

Mundo diverso da ficção regionalística, feita quase sempre “de fora para dentro” e revelando escritor simpático, compreensivo, mas separado da realidade essencial do mundo que descreve; e que enxerta num contexto erudito elementos mais ou menos bem apreendidos da personalidade, costumes, linguagem do homem rústico, obtendo *montagens*, não a integração necessária ao pleno efeito da obra de arte.

Em *Grande sertão: veredas*, o aproveitamento literário do material observado na vida sertaneja se dá “de dentro para fora”, no espírito, mais que na forma. O autor *inventa*, como se, havendo descoberto as leis mentais e sociais do mundo que descreve, fundisse num grande bloco um idioma e situações artificiais, embora regidos por acontecimentos e princípios expressionais potencialmente contidos no que registrou e sentiu. Sob este aspecto, ao mesmo tempo de *anotação e construção*, lembra os compositores que infundiram o espírito dos ritmos e melodias populares numa obra da mais requintada fatura, como Bela Bartók. Comparada a semelhante processo, a literatura regionalista não ultrapassa a esfera do programa caipira.

Há motivo para invocar o universo da música ao falarmos deste livro, não obstante tão acentuadamente plástico nas camadas externas. Em profundidade é governado, com efeito, por alguns temas que, uma vez apresentados, são desenvolvidos, recapitulados, variados, formando o verdadeiro fio condutor de tudo o que se expõe no plano da ação e da descrição, de modo a resultar a integridade quase obsessiva das diretrizes essenciais. Tema do Menino que se desdobra, como da predestinação, no companheiro Diadorim (mulher disfarçada em jagunço, sabemos afinal) e decide a carreira do narrador, Riobaldo. Tema do amor como aspiração e porto de

inquiétudes, extremamente complexo nas suas três encarnações de pureza, de sensualidade e impulsos obscuros: a bem-amada (“minha Otacília, fina de recanto, em seu realce de mocidade, mimo de alecrim, a firme presença”); a meretriz (“era a que era clara, com os olhos tão dela mesma”); o amigo disfarçado (“aquele fino das feições que eu não podia divulgar, mas lembrava, referido, na fantasia da idéia”). Sobretudo, o tema do mal e da responsabilidade, encarnado na presença negada e sentida do Demônio – sem dúvida o maior personagem do livro no plano transcendente, como é, no plano físico, o Sertão, onde o narrador busca as veredas da verdade: “uma receita, a norma dum caminho certo, estreito, de cada uma pessoa viver”. Por estranho que pareça, esta narrativa sertaneja de experiências profundas com Mundo, Diabo e Carne, é sobretudo um livro absorvido por certos problemas, sobretudo o da conduta abordado de um ângulo que os existencialistas chamariam do “ser-no-mundo”.

Para conter tanta riqueza plástica e emocional, Guimarães Rosa uniu pitoresco e essencial numa técnica narrativa admirável, marcada pelo vaivém, o parêntese, a antecipação, a digressão, a retomada – que ampliam a nossa percepção em amplitude e profundidade – para desembocar na linha reta e palpitante da terça parte final, quando Riobaldo assume o destino nas mãos, disposto a aceitar o bem e o mal. Refinamento técnico e força criadora fundem-se então numa unidade onde percebemos, emocionados, desses raros momentos em que a nossa realidade particular brasileira se transforma em substância universal, perdendo a sua expressão aquilo que, por exemplo, tinha de voluntariamente ingênuo na rapsódia dionisíaca de *Macunaíma*, para adquirir a soberana maturidade das obras que fazem sentir o homem perene.

Nota

1 João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. R.J. José Olympio, 1956, pp. 594.